

MOVIMENTO

Para mudar a realidade

Em 4 de dezembro de 2008, o fotógrafo Naldinho Lourenço – formado na primeira turma de fotógrafos populares da Escola de Comunicação implantada dentro da Favela da Maré – ouviu que uma criança havia sido baleada perto da instituição em que trabalhava e foi verificar. A versão dos policiais é de que durante uma operação da polícia houve um tiroteio em que o garoto foi atingido. Matheus, de oito anos de idade, morreu na porta de casa por volta das 8h com um tiro de fuzil. Estava saindo para comprar pão.

Não fosse a revolta da população e as fotos feitas por Naldinho naquele dia, talvez a morte de Matheus tivesse sido mais um caso esquecido na lista dos jovens assassinados no Brasil, sob a alegação de que era um traficante de drogas. “Pelo que sei, corre um processo, mas em vão”, disse Lourenço. “Uma mãe que tem o filho morto como um marginal numa favela perde o filho duas vezes”, descreveu Bira Carvalho, ex-aluno e agora instrutor da Escola de Comunicadores Populares da Maré. Foram três casos de assassinatos de jovens em circunstâncias parecidas: Renan, em 2006, Matheus, em 2008, e Felipe, em 2009. A mãe de Felipe leu nos jornais que seu filho era bandido. Até hoje não conseguiu que fizessem a perícia da arma que o matou, nem que corrigissem a informação de que era um criminoso.

A trajetória de Bira Carvalho mudou quando era maior de idade, mas lhe custou a mobilidade nas pernas aos 22 anos, depois de participar de um assalto. Já como cadeirante, ao participar de um projeto esportivo, descobriu que tinha o dom de ouvir os jovens da favela Nova Holanda, em que vive no Rio. Ouvindo, sem julgamento moral, ajuda a pensar com eles caminhos alternativos ao tráfico de drogas e outros crimes. Leitor voraz, Carvalho voltou a estudar e prestou vestibular para Direito. É um exemplo valorizado e seguido pelas crianças. Sua ferramenta de mudança foi a fotografia, com a qual se permite contar sua própria história e a de outros moradores nas fotos divulgadas pela agência Imagens do Povo. “Tenho a ambição de ver uma outra favela”, segredou. A mãe de Carvalho disse que ele fotografa a alma das pessoas.



JOSÉ ANTÔNIO ALONSO/ECONOMIA

Rio+20: notas sobre alguns aspectos econômicos da agenda

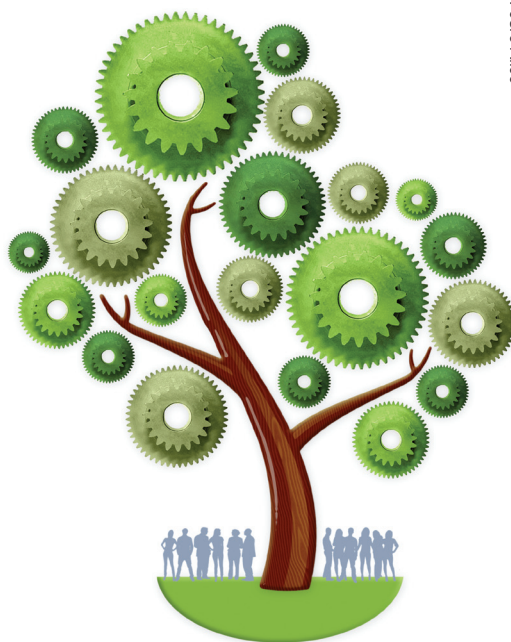
Vinte anos se passaram desde a *Rio 92*, primeiro grande evento promovido pelas Nações Unidas para discutir e formular soluções para os graves problemas que afligem a humanidade, as desigualdades sociais, a crescente miséria humana (fome, alta mortalidade etc.) e a exploração predatória do meio ambiente. Naquela oportunidade foram acordados alguns compromissos, segundo os quais os países ricos (maiores predadores) destinariam 0,7% de seu PIB à cooperação internacional, o que não vem sendo cumprido. Isso significa que, do ponto de vista material, o progresso neste campo foi muito modesto. Talvez, o maior avanço tenha sido a realização de um novo evento (*Rio+20*) de expressão mundial para continuar insistindo em socorrer o meio ambiente e as multidões de famintos e doentes ainda remanescentes no mundo.

O tema da sustentabilidade, hoje no centro dos debates, abrange vários aspectos econômicos na medida em que é uma contraposição ao modelo industrial, consumista e predatório, que do ponto de vista ambiental tem dado sinais de esgotamento. A transição para uma organização econômica cujo crescimento não comprometa o futuro das novas gerações passa por inúmeras mu-

danças. Talvez, a mudança de menor custo seja a revisão do “culto” ao PIB (Produto Interno Bruto) e todos os seus derivados como principal medida de crescimento econômico. Essa discussão não é nova entre os economistas, muitos dos quais trabalham no sentido de adaptar à nova realidade o Sistema de Contabilidade Social usado em todos

os países. Grosso modo, o PIB é igual ao VBP (Valor Bruto da Produção) menos o CI (Consumo Intermediário). No sistema de cálculo vigente não são imputados os custos ambientais incorridos na extração e uso de recursos naturais, renováveis ou não. Portanto, a medida que usamos para expressar o progresso das nações é insuficiente para dar conta de todos os aspectos que envolvem o desenvolvimento sócio-econômico de um país.

Com efeito, os custos ambientais e sociais incorridos na produção em geral, ficam encobertos nesse sistema contábil que, segundo alguns, revela apenas o que se ganha e não o que a sociedade perde. Um aperfeiçoamento desse sistema de contas nacionais foi anunciado nesta *Rio+20* com a denominação de PIB Verde que mediria o patrimônio ambiental, padronizado internacionalmente, aprovado pela ONU em fevereiro de 2012. Talvez, seja o início de novos tempos nesse campo do conhecimento.



Pedro Alice



Não valorizar quem ensina é desrespeitar a infância

A formação para a vida e a preparação para o vestibular têm um momento fundamental na Educação Infantil. Nesse contexto, as professoras exercem um papel decisivo. Estamos em campanha para garantir melhores condições de trabalho e valorização salarial. Informe-se, amplie o debate e vamos nos fortalecer ainda mais para esse enfrentamento.

A Educação Infantil
não pode viver de
aparências
Campanha Salarial 2012

SINPRO/RS
Sindicato Cidadão